

Linguagem e verdade: brincando com as contas de vidro de Rubem Alves e Jürgen Habermas: aportes para a teologia

Language and truth: playing with Rubem Alves' and Jürgen Habermas' glass beads: contributions to theology

Por Iuri Andréas Reblin

Doutorando em Teologia (EST)

Bolsista CNPq

Resumo:

O texto estabelece um diálogo entre o pensamento de Rubem Alves e o pensamento de Jürgen Habermas sobre a função da linguagem, a partir de duas obras específicas: o *suspiro dos oprimidos* e a *Teoria da ação comunicativa*. Para Rubem Alves, a linguagem é pragmática. No entanto, mesmo que as palavras tenham a função primordial de representar as coisas e as suas relações, a linguagem em si não é uma cópia do real, mas antes a organização do mesmo de acordo com as necessidades humanas. Para Jürgen Habermas, não existe significação fora da ação humana e é a linguagem que coordena as ações de sujeitos diferentes em uma mesma sociedade. A partir disso, o texto aponta que a teologia só será capaz de redescobrir seu lugar no mundo se ela souber lidar com a dialética entre linguagem e realidade.

Palavras-chave:

Rubem Alves. Jürgen Habermas. Filosofia da Linguagem.

Abstract:

The text establishes a dialogue between Rubem Alves' thought and Jürgen Habermas' thought about the function of Language since two specific works: *Sigh of the Oppressed* and *The Theory of Communicative Action*. According to Rubem Alves, language is pragmatic. However, even if the words have the primary role of representing things and their relations, the language itself is not a copy of reality, but rather its organization according to human needs. According to Habermas, there is no meaning outside of human action and it is the language that coordinates the actions of different subjects in the same society. Before this, the text demonstrates that theology will only be able to rediscover its place in the world if it learns to deal with the dialectic between language and reality.

Keywords:

Rubem Alves. Jürgen Habermas. Philosophy of Language.

Linhas iniciais

Rubem Alves (1933-) é um dos poucos teólogos de nosso tempo que têm se preocupado com a busca de uma teologia que emerge da cotidianidade em suas expressões mais simples, como a poesia, a brincadeira e o erotismo. Fugindo de dogmatismos e outras fontes de racionalização da religião, Rubem Alves explora os limites da linguagem religiosa, que acontece na relação entre sujeitos. Segundo o poeta e escritor, a linguagem é uma ferramenta e um modelo que auxilia o ser humano na construção de seu mundo.¹

Para a questão da linguagem, o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas (1929-), um dos expoentes da filosofia da linguagem e um dos responsáveis pela virada linguística, ocorrida na primeira metade do século XX, traz uma contribuição significativa ao desenvolver a sua teoria da ação comunicativa. Segundo o filósofo, linguagem é uma ação humana que constrói a sociedade, o mundo, e este mundo construído só pode ser linguagem. A linguagem constrói o ser humano, o qual constrói a linguagem e é reconstruído por ela em um fazer e refazer constante.

Embora semelhantes à primeira vista, as duas compreensões se distinguem em seu desenvolvimento, em suas ênfases e nos interesses

¹ ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 22-23.

de seus pensadores. A pergunta para o teólogo que ensaia um jogo com as contas de vidro de diversos saberes é: quais as combinações cromáticas que a filosofia da linguagem de Jürgen Habermas, em especial, sua teoria da ação comunicativa, expressa em *Pensamento pós-metafísico*, e a compreensão de linguagem de Rubem Alves, expressa em *O suspiro dos oprimidos*, podem trazer para o fazer teológico? Este é o propósito deste ensaio: brincar com essas contas de vidro, misturá-las e descrever algumas combinações que ali surgirem como aportes para o fazer teológico.

Considerações sobre a compreensão de linguagem expressa em *O suspiro dos oprimidos*

Segundo Rubem Alves, todos os seres vivos precisam resolver o problema de sua sobrevivência. Para garantirem sua existência, os organismos vivos irão buscar na natureza a energia necessária para manter o corpo funcionando. Assim, a sobrevivência de um organismo vivo está condicionada à eficiência de seus mecanismos de apoderação de seu meio, isto é, da natureza.

Cada organismo possui uma espécie de programação hereditária biológica, que coordena suas atividades estipuladas por um processo de aprendizagem que levou milhares e milhares de anos para ser elaborada e que pode ser chamada de “memória biológica”. “A memória biológica permite ao animal preservar e usar as experiências passadas de sua espécie, e conjugar a ação, a fim de ter maiores condições de sobrevivência”.² Não obstante, suas atividades são precedidas por uma atividade interpretativa, que é uma forma rudimentar de conhecimento. Essa atividade interpretativa dará ao organismo a segurança necessária para executar ou não tais atividades. Essa forma rudimentar de conhecimento é a capacidade de sentir dor ou prazer.

Enquanto que os demais seres vivos adotam o mundo como lhe é dado, o ser humano procura transformá-lo em função de sua vontade. A impressão que se tem é a de que o ser humano não possui uma programação biológica suficiente para

resolver os problemas de sua sobrevivência. Esse fato obriga o ser humano a viver em grupo. A sociedade é, em primeira instância, uma garantia de sobrevivência do corpo frágil do próprio ser humano. Logo, as necessidades humanas de sobrevivência tornam-se dependentes de mecanismos sociais. Em consequência, o ser humano interpretará o meio não apenas biologicamente, mas, sobretudo, socialmente, ou seja, suas atividades serão governadas pelos valores do grupo em que ele está inserido. A linguagem é o que torna a vivência em grupo possível.

Como o ser humano não é um ser determinado pelo seu passado biológico, ele precisa inventar sua própria programação. Ao inventar, ele está transformando o meio em função de sua vontade. É assim que ele criará os mais diferentes universos simbólicos. A linguagem surge, então, como uma invenção humana com o intuito de manter a continuidade temporal do universo simbólico que o ser humano criou (e que funciona como sua memória biológica) e de possibilitar que ele seja conjugado socialmente. Em outras palavras,

*a linguagem é a memória coletiva da sociedade. É ela que provê as categorias fundamentais para que certo grupo social interprete o mundo, [...] por determinar a interpretação, a linguagem determinará também a maneira pela qual a referida comunidade irá organizar a sua ação.*³

Portanto, “a linguagem e com ela a consciência, nasceu assim, de uma exigência prática: da luta pela sobrevivência, da necessidade de preservar e de socializar as experiências bem sucedidas”.⁴

Segundo Rubem Alves, a linguagem é um sistema pragmático constituído de sinais fonéticos e/ou gráficos que tem por finalidade representar as coisas e suas relações ao ser humano, possibilitando a comunicação entre os participantes de um determinado grupo social.⁵ Todavia, mesmo que as palavras tenham a função primordial de representar as coisas e as suas relações, a linguagem em si não é uma cópia do real, mas antes a organização do

³ ALVES, 1999, p. 15. Grifos do autor.

⁴ ALVES, 1999, p. 16.

⁵ ALVES, 1999, p. 17.

² ALVES, 1999, p. 15.

mesmo de acordo com as necessidades humanas.⁶ Por isso, é o contexto (a estrutura maior) que dará o sentido às palavras. Conforme Rubem Alves,

palavras são como notas, em si, desprovidas de significação humana. O que lhes dá sentido é a estrutura global em que elas se encontram, e que rege a forma pela qual são usadas. [...] [Logo,] a significação de uma linguagem não pode ser derivada de um exame objetivo do seu sentido real, pela “verificação” de sua correspondência com coisas concretas. Porque o mundo humano é organizado e estruturado em função de valores, aspirações e emoções.⁷

Portanto, o ser humano não vê as coisas como fatos objetivos, pois ele as vê através de uma atitude valorativa. Esta “pergunta primariamente não *acerca da coisa* (atitude objetiva), mas *acerca da relação* da coisa com o homem”.⁸ A atitude valorativa antecede à razão. Ao mesmo tempo em que o ser humano constitui seu mundo a partir de sua relação com o ambiente que o cerca, ele traduz a sua experiência através da linguagem. O mundo em que o ser humano vive é mediado pela linguagem. Isso significa que o mundo que o ser humano vê não é um dado, mas uma construção. Como a linguagem nunca é um fenômeno individual, a percepção humana torna-se condicionada pela sociedade.

Na realidade, o ato de pessoas falarem e entenderem uma linguagem comum indica que participam e uma mesma estrutura de valores. São os valores que tornam a comunicação possível, pois [...] são eles que dão significação às palavras.⁹

O mundo humano é constituído, pois, a partir do modo como o ser humano estabelece sua relação com o ambiente que o circunda. A linguagem tem uma função organizacional da realidade a partir da experiência humana. Ela é pragmática: socializar e preservar experiências bem sucedidas. Logo, “a maior parte do conhecimento que nossa linguagem contém é do tipo *receita*”,¹⁰ isto

é, ela traz as informações e as combinações necessárias para que o ser humano possa produzir os objetos de seu desejo.

Para Rubem Alves, isso revela que o critério de verdade utilizado frequentemente na linguagem nada mais é que a constatação de que uma determinada informação (ou conhecimento) produz o efeito que o ser humano deseja. O equívoco está em “dissociar a consciência de sua função prática, para relacioná-la com a percepção de relações ou idéias eternas”.¹¹ Isso significa que o critério de verdade é, antes de tudo, um critério funcional e prático. Ele revela que uma determinada ideia em algum momento já foi vital para o ser humano.¹²

[...] O segredo da linguagem não é primariamente *aquilo de que ela fala*, mas antes, *aquele* que a fala. Ao invés de perguntar se os símbolos fantásticos, se as fantasias absurdas e se as construções da imaginação correspondem a determinados objetos, temos de tomar a linguagem como sintoma de que contém o segredo de alguém.¹³

O segredo da linguagem humana, assim, não é nem a esfera objetiva que ela pode indicar, nem simplesmente estados individuais subjetivos. Ao contrário: é a *relação* de um sujeito, indivíduo ou comunidade, com um espaço e um tempo.¹⁴

Para Rubem Alves, portanto, a linguagem é essencial para a sobrevivência humana, pois é ela que possibilita a socialização e a preservação das experiências. O mundo em que o ser humano habita é construído e mediado pela linguagem. É um mundo de significados, os quais surgem através de uma atitude valorativa do ser humano. Estes valores são, antes de tudo, relações estabelecidas. Tanto o valor quanto a vida humana são relações e essas relações são determinadas pela preocupação última do ser humano: viver.¹⁵

⁶ ALVES, 1999, p. 18s.

⁷ ALVES, 1999, p. 19s.

⁸ ALVES, 1999, p. 27.

⁹ ALVES, 1999, p. 29.

¹⁰ ALVES, 1999, p. 16.

¹¹ ALVES, 1999, p. 16.

¹² ALVES, 1999, p. 17.

¹³ ALVES, 1999, p. 29.

¹⁴ ALVES, 1999, p. 28.

¹⁵ ALVES, 1999, p. 26s.

Aspectos e considerações acerca da “teoria da ação comunicativa” de Habermas¹⁶

Segundo Jürgen Habermas, a função primária da linguagem é o entendimento entre sujeitos diferentes. A linguagem é responsável por representar estados de coisas, as intenções e as experiências de um falante e de estabelecer relações com um destinatário.¹⁷ A linguagem coordena a produção de significado e toda a produção de significado, segundo o filósofo, é um agir. Este agir pode estar baseado no entendimento mútuo entre os sujeitos que interagem em um ato de fala (agir comunicativo) ou na influência arbitrária (agir estratégico) de um falante sobre os outros. De qualquer forma, não existe significação fora da ação humana e é a linguagem que coordena as ações de sujeitos diferentes em uma mesma sociedade, “tornando possível um acordo racionalmente motivado”¹⁸ por eles.

Os sujeitos que interagem em um ato de fala já se encontram inseridos e participantes de um universo de sentido. Este universo de sentido é o ambiente no qual se desenrolam as ações e as interações humanas. Ele é composto de duas macroestruturas: o mundo da vida e o sistema. O mundo da vida é a estrutura maior, na qual se encontram os sentidos atribuídos às ações e às interações humanas em sociedade, enquanto que o sistema é a estrutura menor, na qual se encontram os sentidos atribuídos aos “meios de direção”, isto é, estruturas sistêmicas que controlam determinadas ações que possuem um “enfoque racional-com-relação-a-um-fim”¹⁹ (sistema político, economia, etc.). Enquanto que, no sistema, as ações são coordenadas estrategicamente, no mundo da vida, elas são coordenadas através de processos de entendimento.

No mundo da vida, os sentidos foram acumulados ao longo da história humana e estão estruturados em três blocos que interagem entre si: a sociedade, a cultura e as estruturas da

personalidade. “Podemos imaginar os componentes do mundo da vida [...] como se fossem condensações e sedimentações dos processos de *entendimento*, da *coordenação da ação* e da *socialização*, os quais passam através do agir comunicativo”.²⁰ Este, pois, consiste em ações baseadas no entendimento mútuo entre os sujeitos que interagem em um ato de fala. “Os atores participantes tentam definir *cooperativamente* os seus planos de ação, levando em conta uns aos outros, no horizonte de um mundo da vida compartilhado e na base de interpretações comuns da situação”.²¹

Para Jürgen Habermas, a linguagem não pode ser separada da realidade.²² O discurso, isto é, a linguagem racionalizada sob a base de argumentos, não pode estar desvinculada das práticas do cotidiano, isto é, do mundo da vida. Na verdade, a linguagem e a realidade estão entrelaçadas uma na outra de tal forma que a produção de sentido acontece em um processo circular contínuo entre os dois âmbitos. Assim, o próprio discurso não é pura argumentação, pois a própria razão linguística está embasada no mundo vivido. Este, por sua vez, configura para o ser humano as certezas comportamentais.²³ Estas estão sujeitas ao questionamento e à argumentação. Não são verdades imutáveis. A verdade não é uma certeza “comportamental”, não é justificação. Ela é uma propriedade da linguagem,²⁴ faz parte da gramática, que nada mais é que a função normativa da razão. Nas palavras de Jürgen Habermas,

[...] o mundo vivido, com suas concepções de verdade e conhecimento fortes e relacionadas com a ação, projeta-se para dentro do discurso e oferece o ponto de referência – transcendendo a justificação – que mantém viva, ente os participantes da argumentação, uma consciência da falibilidade de suas interpretações. Inversamente, essa consciência falibilista reage também de volta sobre as

¹⁶ HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. p. 65-134.

¹⁷ HABERMAS, 2002, p. 78.

¹⁸ HABERMAS, 2002, p. 95.

¹⁹ HABERMAS, 2002, p. 83.

²⁰ HABERMAS, 2002, p. 96.

²¹ HABERMAS, 2002, p. 72.

²² HABERMAS, Jürgen. A virada pragmática de Richard Rorty (contextualismo, razão e naturalização) In: SOUZA, José Crisóstomo de (Org.). *Filosofia, racionalidade, democracia: os debates Rorty & Habermas*. São Paulo: UNESP, 2005. p. 182s.

²³ HABERMAS, 2005, p. 185s.

²⁴ HABERMAS, 2002, p. 128.

práticas cotidianas, sem por isso destruir o dogmatismo do mundo vivido.²⁵

E mais,

os sujeitos capazes de fala e de ação, que ante o pano de fundo de um mundo comum da vida, entendem-se mutuamente sobre algo no mundo, podem ter frente ao meio de sua linguagem uma atitude tanto dependente como autônoma: eles podem utilizar os sistemas de regras gramaticais, que tornam possível sua prática, em proveito próprio. Ambos os momentos são co-originais. De um lado, os sujeitos, encontram-se sempre num mundo aberto e estruturado lingüisticamente e se nutrem de contextos de sentido gramaticalmente pré-moldados. Nesta medida, a linguagem se faz valer frente aos sujeitos falantes como sendo algo objetivo e processual, como a estrutura que molda as condições possibilitadoras. De outro lado, o mundo da vida, aberto e estruturado lingüisticamente, encontra o seu ponto de apoio somente na prática de entendimento de uma comunidade de linguagem. A formação lingüística do consenso, através da qual as interações se entrelaçam no espaço e no tempo, permanece aí dependente das tomadas de posição autônomas dos participantes da comunicação, que dizem sim ou não a pretensões de validade criticáveis. As linguagens naturais não se limitam a abrir os horizontes de um único mundo específico, no qual os indivíduos socializados se encontram previamente: elas constroem também os sujeitos a realizações *próprias*, isto é, inerentes a uma prática intramundana que se orienta por pretensões de validade e que submete o sentido, que abre previamente o mundo, a um teste continuado. Entre o mundo da vida como *ressource* do agir comunicativo e o mundo da vida como produto desse agir introduz-se um processo circular, no qual o sujeito transcendental desaparecido não deixa nenhuma fresta.²⁶

Portanto, Habermas defende a circularidade entre o senso comum (a linguagem do mundo da vida) e o discurso. Se os limites da linguagem do ser humano denotam os limites do seu mundo, da mesma forma, os limites do mundo do ser humano denotam os limites da sua linguagem. Mais ainda,

Jürgen Habermas defende que o ser humano, além de adaptativo, é um ser lingüístico e que a linguagem não é uma ferramenta, mas um meio de construir mundos.

Considerações acerca das respectivas compreensões de linguagem para a teologia

A linguagem constrói mundos. Estes se constituem de uma rede de significados que dão sentido à existência humana. Essa rede de significados é linguagem. Ela é inerente ao ser humano. Seu segredo é a relação do ser humano com o meio e com os outros em um espaço e em um tempo. Linguagem é relação, vida é relação, relação é valor, valor é o que dá sentido à vida. A verdade é uma propriedade da linguagem. Sua sentença não é eterna, imutável, porque a linguagem é uma ação humana. Toda a ação humana acontece dentro de um mundo criado pela linguagem. A linguagem muda o mundo, o mundo muda a linguagem. Linguagens diferentes refletem mundos diferentes e vice-versa. A linguagem e a realidade são inseparáveis.

A linguagem é uma ação e, como tal, ela lembra o início do livro de gênesis. Ao falar, Deus age e o mundo acontece. Depois de pronto, Deus fala de novo e o mundo muda, em uma circularidade contínua entre linguagem e realidade até que chega o ser humano. Deus se silencia. O ser humano distingue bem e mal. Um horizonte novo se abre e o ser humano cria seu mundo simbólico, a partir de palavras, de experiências, de entendimento... Em um crescente sem fim...

Deus é palavra. Encarnou-se. Tornou-se onipresente. Está no mundo vivido e na “boca do povo”. Surgiu a teologia. No entanto, de um mundo de significado, ela se tornou uma ciência que queria pegar Deus em suas redes. Afastou-se. Ela quis estudar e afirmar cientificamente como Deus é. Não percebeu que “Deus não é peixe, mas Vento que não se pode segurar”.²⁷ O que alguém conhece sobre Deus, ele experimentou, ouviu falar na família, na igreja, na televisão. Pode também pensar diferente, discordar de algumas ideias,

²⁵ HABERMAS, 2005, p. 203.

²⁶ HABERMAS, 2002, p. 52s.

²⁷ ALVES, Rubem. *Da esperança*. Campinas: Papyrus, 1987. p. 10.

concordar com outras. O erro está em afirmar qualquer fato objetivo como verdade, ao passo em que o ser humano vê o mundo e as coisas a sua volta “como mensagens, como valores, como anúncios ou prenúncios, como promessas ou ameaças”.²⁸ Mundos diferentes, linguagens diferentes: Alá, Buda, Deus, Elohim, Javé, Jeová e muitos outros.

A grande contribuição de Jürgen Habermas e Rubem Alves, resguardadas as suas diferenças, para a teologia é o combate ao antirrealismo. A teologia precisa de uma virada pragmática e linguística para que possa retornar ao mundo da vida, local onde ela está acontecendo continuamente sob outros nomes – magia, benzedura, misticismo – e para fugir do ceticismo no qual está mergulhada. Enquanto a teologia procurar justificar discursivamente para si suas asseverações, ela não vai conseguir um agir comunicativo. Se ela não participar do cotidiano, ela não terá valor para as pessoas. Sem valor não há significado, sem significado não há existência. “Não é correto separar o conhecimento objetivo das emoções e dos valores. Ao contrário. A relação entre eles é dialética. É porque certo objeto ou situação se relaciona com meu *ultimate concern* que eu me debruço sobre ele para conhecê-lo”.²⁹

Não adianta ter um discurso, se ele não está alicerçado no mundo da vida. Não é engraçado que nos sermões da igreja as pessoas se lembram frequentemente mais das metáforas ao invés da “mensagem”, exceto quando esta remete à moral, que é senso comum, e, portanto, participa do mundo da vida? Teologia é linguagem. Com a teologia se constrói mundos, mas os mundos também mudam e assim também muda a teologia. É o mundo da vida que fornecerá aos participantes de uma discussão “uma consciência da falibilidade de suas interpretações. Inversamente, essa consciência falibilista reage também de volta sobre as práticas cotidianas, sem por isso destruir o dogmatismo do mundo vivido”.³⁰ E somente nessa dialética entre linguagem e realidade que a teologia poderá redescobrir novamente seu lugar no mundo.

[Recebido em: setembro 2010 e
aceito em: outubro 2010]

²⁸ ALVES, 1999, p. 27.

²⁹ ALVES, 1999, p. 26.

³⁰ HABERMAS, 2005, p. 203.